



Mocidade Alegre – A Hospitalidade na Morada do samba¹

Fernando Estima de Almeida² - Centro Universitário SENAC-SP
Maristela de Souza Goto Sugiyama³ - Centro Universitário SENAC-SP

RESUMO

O presente trabalho estuda as inter-relações envolvendo visitantes e anfitriões na quadra do Grêmio Recreativo Escola Samba Mocidade Alegre, no Bairro do Limão, em São Paulo, a escola de Samba é a campeã do Carnaval de São Paulo em 2009. E reflete sobre as relações de comunicação e hospitalidade presentes na quadra da escola e suas construções simbólicas relacionadas com as manifestações da cultura popular, a diversidade e com os fenômenos do turismo e a hotelaria. Também apresenta projetos interdisciplinares que estão sendo encaminhados em parceria entre um Centro Universitário e uma Escola de Samba.

PALAVRAS-CHAVE: hospitalidade; escolas de samba; Mocidade Alegre, comunicação, interdisciplinaridade

TEXTO DO TRABALHO

Este artigo tem o objetivo de identificar as relações interpessoais, profissionais e sociais que são estabelecidas atualmente entre os personagens da hospitalidade (anfitrião e visitantes) nos eventos culturais ocorridos na cidade de São Paulo, com foco de estudo nos espaços onde os atrativos culturais são ofertados de maneira acessível a todas as camadas sociais (custo reduzido ou gratuito), neste caso as quadras das escolas de samba de São Paulo. Para este artigo foi escolhido como objeto de estudo a quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Alegre, localizada no Bairro do Limão, na Zona Norte, da cidade de São Paulo – SP. A quadra da escola é conhecida como a Morada do Samba. E funciona como importante referência de entretenimento para os moradores desta região da cidade, além de visitantes de outros bairros e os turistas que visitam a São Paulo.

¹ Trabalho apresentado no DT - 8 Estudos Interdisciplinares da Comunicação – GP Comunicação, Turismo e Hospitalidade, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre pelo Programa de Estudos em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi sob orientação do Prof^o Dr. Waldir Ferreira. Docente e pesquisador do Centro Universitário SENAC-SP fernando.ealmeida@sp.senac.br

³ Mestre pelo Programa de Estudos em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi sob orientação da Prof^a Dr^a Ada de F. M. Dencker. Docente e pesquisadora do Centro Universitário SENAC – SP maristela.sgsugiyama@sp.senac.br



Toda a atividade de entretenimento, cultura e hospitalidade, existente em uma determinada localidade, deve ser apropriada em primeiro lugar para os residentes e conseqüentemente para os visitantes. Portanto, para que essa localidade amplie a utilização de seu potencial para a atividade turística, é necessária a qualificação da mão de obra, criação de infra-estrutura básica e de serviços. Além de empregar, indiretamente, uma diversificada e considerável gama de indivíduos que se representam como anfitriões.

A Metodologia utilizada neste trabalho, além da pesquisa bibliográfica conceituando hospitalidade, entretenimento e o Carnaval, foi a de visitação ao espaço, nos diversos momentos relacionados com o Carnaval da Escola. Dentre esses momentos destacamos: ensaios técnicos, ensaios na quadra, definição de samba enredo, festa de comemoração do título do Carnaval de São Paulo, visita as oficinas de responsabilidade social realizadas na quadra, festas temáticas, desfile da escola no Sambódromo de São Paulo e entrevistas com os anfitriões, presidente da Escola e equipe de gestores relacionados com a diretoria de eventos e responsabilidade social. Esses encontros tiveram seu início em 2007 e acontecem até o presente momento. Vale ressaltar que Alguns destes encontros também aconteceram no Centro Universitário SENAC, campus Santo Amaro.

Nesta perspectiva, entendem-se como anfitriões toda a diversidade de sujeitos envolvidos direta e indiretamente com a atividade de receber os visitantes na quadra da escola de Samba. Colaboradores e voluntários relacionados com a prestação de serviços na oferta de hospitalidade.

Como visitantes consideram-se as pessoas que consomem os serviços ou produtos oferecidos. Enquadram-se nesta categoria os turistas de todos os segmentos – negócios, lazer, individual, em grupos etc, bem como os próprios residentes na localidade.

A Mocidade Alegre é uma escola com característica diferenciada. Entre elas está o fato ser comandada por uma mulher, Solange Cruz Bichara Rezende, que é sobrinha e filha dos dois fundadores da escola, Juarez da Cruz e Salvador da Cruz. A Solange assumiu a gestão da Escola, em 2004. E a Escola conquistou após 23 anos de jejum as seguintes posições: 1º lugar em 2004; 2005 e 2006 em 3º lugar; 2007 campeã 2008 vice-



campeão e 2009 campeã. Entre as inovações implantada pela presidente está o respeito a diversidade e a comunidade que garantem a permanência dos valores da escola.

Este pequeno histórico para contextualizar as origens foi retirado do site oficial da escola ⁴.

No Natal de 1948, chegava em São Paulo procedente de Campos, Estado do Rio de Janeiro, junto com um pequeno grupo de amigos, Juarez da Cruz, que em pouco tempo teria participação no desenvolvimento do Carnaval de São Paulo. Em 1950 Juarez, seu irmão Salvador da Cruz e mais dois amigos resolveram sair no Carnaval vestidos de mulher. Saíram no Sábado e só voltaram na quarta-feira, para desespero de suas esposas e filhos. Nos anos seguintes o bloco foi aumentando, com a presença de outro irmão Carlos. No ano de 1958, em homenagem ao prefeito da Capital, que iniciava campanha de recuperação dos bondes e ônibus da cidade, o bloco saiu com o nome de *Bloco das Primeiras Mariposas Recuperadas do Bom Retiro*, já que Juarez e seus amigos moravam na Rua José Paulino, centro comercial de roupas feitas, armarinhos e enxovais. Havia um código, que teria hoje total reprovação das feministas: embora a maior parte dos componentes do bloco fosse casada e suas mulheres pretendessem participar, isso era vetado a elas. Por imposição de um dos componentes do grupo, que se recusava a sair fantasiado de mulher, no ano de 1963, eles saíram de palhaços e percorreram a Avenida São João, onde a Rádio América promovia o Carnaval de rua com exclusividade. Nesta época cada bairro fazia seu próprio Carnaval, promovido geralmente por firmas comerciais quando o bloco passava em frente ao palanque armado próximo ao Cine Paissandu, o apresentador disse em alto tom: "É um bloco muito alegre, um bloco de sujos, como existem muitos no Rio de Janeiro...". Ao sentarem na esquina da São João com Conselheiro Crispiniano, aquela frase não saía de suas cabeças. Estavam no meio-fio, descansando, quando resolveram dar um nome ao bloco. Entre muitas sugestões o escolhido foi *Mocidade Alegre*⁵, já que ao se apresentarem eles evocaram na lembrança do locutor os melhores tempos do Bloco Carnavalesco Mocidade Louca, de Campos e "alegre" foi o adjetivo usado para apresentá-los ao povo.

Outros fatores importantes marcam a história da Mocidade Alegre.

Em 1963, o que seria encarado hoje como uma vitória total das feministas: um dos componentes não quis sair vestido de mulher, o que deu a chance para as mulheres vencerem a resistência masculina em plena terça-feira gorda. Neide, a mulher de Salvador, saiu fantasiada de Palhaço. Sem querer, ou talvez planejado pelas esposas - e elas negam o plano. Neide da Cruz marcou o início do Bloco Carnavalesco Mocidade Alegre e todas as transformações posteriores.

⁴ www.mocidadealegre.com.br

⁵ Grifo dos autores.



Os anos 70 levaram a Mocidade Alegre a ascender entre as escolas principais de São Paulo:

A Mocidade Alegre conseguiu a proeza de ser tricampeã do carnaval paulistano logo após subir para o grupo principal. Em 1970, venceu o Segundo Grupo e, nos anos seguintes, já promovida ao Grupo de Elite, foi campeã logo de cara, em 71, repetindo o feito em 72 e 73. A Mocidade foi a primeira Escola paulistana a introduzir destaques sobre os carros alegóricos, adereços de mão e alas coreografadas. A Escola também teve a honra de ser a primeira Escola de Samba a ser convidada pelo Ministério da Cultura a representar a Cultura da Raiz Paulistana na Europa, viajando para a Ilha da Madeira. No início dos anos 70, a Escola manteve a tradição de apresentar enredos sobre São Paulo. No final da década de 70 e início dos 80 a tradição eram temas relacionados à cultura negra, marcando até hoje a personalidade da Escola na abordagem de temas afro-brasileiros. Exemplo mais atual e marcante deste gênero foi o carnaval de 2003, quando a Escola obteve o vice-campeonato com o enredo "Omi - O Berço da Civilização Yorubá". Nos anos 90, chegou em terceiro lugar em 1993, 1996 e 2000, mantendo-se sempre entre as principais agremiações paulistanas. Na galeria de carnavais vitoriosos podemos apresentar os campeonatos dos anos de 1971, 1972, 1973, 1980 e mais recentemente no Carnaval 2004, quando todas as Escolas desfilaram com temas fazendo referência aos 450 Anos da Cidade de São Paulo !!! Em 2005, com o enredo "Clara, Claridade... O canto de luz no Ylê da Mocidade" (sobre a obra da saudosa cantora mineira Clara Nunes), obteve o 3º lugar do Grupo Especial. E no carnaval 2006 repetiu a colocação do ano anterior ao apresentar o enredo "Das Lágrimas de Iaty surge o Rio, do Imaginário Indígena a Saga de Opara. Para os Olhos do Mundo um Símbolo de Integração Nacional: Rio São Francisco" (sobre a história do Rio São Francisco contada através do imaginário indígena).

Em 2007 a Escola desfilou com o tema “Posso Ser Inocente, Debochado e Irreverente, Afinal Sou o Riso Dessa Gente”; e conquistou o 1º lugar, em 2008 2º lugar, com o tema “ Bem - vindo a São Paulo. Sabe Por que? Porque São Paulo é Tudo de Bom!!”, a frase além de nomear o título do enredo, também é o slogan utilizado pelo São Paulo Convention & Visitors Bureau, este fato é mais uma demonstração da aproximação da escola, com temas relacionados com a Hospitalidade, em 2009, a Escola foi Campeão com o enredo “ Da chama da Razão ao Palco das Emoções, Sou Máquina, Sou vida, sou coração, pulsando forte na avenida” .

A Morada do Samba, tradicional sede e quadra de ensaios da Mocidade Alegre, foi inaugurada no dia 17 de Julho de 1970 na Avenida Casa Verde, 3.498 - Bairro do Limão - São Paulo. A Escola funciona neste espaço há quase quarenta anos. Sendo que, suas instalações são distribuídas conforme descrição, que segue:



- Portaria com Catraca (4 metros quadrados)
- Bilheteria (3 metros quadrados)
- Enfermaria (4 metros quadrados)
- Boutique (12 metros quadrados)
- Sala da Presidência (6 metros quadrados)
- Sala da Ala das Baianas (8 metros quadrados)
- Sala de Reuniões e Troféus (20 metros quadrados)
- Sala de Casais de Mestre-sala e Porta-bandeira (12 metros quadrados)
- Sala do Departamento Jovem (4 metros quadrados)
- Secretaria (12 metros quadrados)
- Banheiro Masculino (20 metros quadrados)
- Banheiro Feminino (20 metros quadrados)
- Dispensa (4 metros quadrados)
- Bar e Copa (24 metros quadrados)
- Área de Ensaios e Atividades Sócio-Culturais - "Terreiro" (1075 metros quadrados)
- Compartimento de Mesa de Som (elevado)
- Sala da Bateria (embaixo do palco)
- Palco (72 metros quadrados)
- Camarim (embaixo do palco)
- Casa dos Zeladores (elevado)
- Mezzanino (elevado)
- Departamento jovem



Fonte: dos autores – Quadra da Morada do Samba

A Quadra da Mocidade Alegre funciona de domingo a domingo. São realizadas oficinas direcionadas para a comunidade, com conteúdos relacionados com o Samba, História e Cultura da escola. Entre as oficinas oferecidas estão percussão, dança e coreografia, beleza e maquiagem entre outras. A quadra recebe 700 pessoas por mês (das mais variadas idades, desde crianças até a terceira idade) para participarem destas oficinas. Mas neste artigo vamos focar nos ensaios para o desfile, que acontecem na quadra, aos domingos, das 15 as 22 horas, a partir do segundo semestre do ano. Os ensaios tem que terminar impreterivelmente as 22 horas, para respeitar a lei do silêncio, na cidade de São Paulo. Já que a quadra está localizada próxima a muitas casas e apartamentos residenciais e não existe tratamento acústico no local.

Os ingressos tem um preço variado. Os sócios da agremiação não pagam para entrar, desde que apresentem suas carteirinhas, com a mensalidade em dia. Os ingressos custam R\$ 10,00 e também existe a opção de compra de camarotes, que acomodam até 10 pessoas, que custam R\$ 300,00 (fora as entradas). Mesas para quatro pessoas R\$ 40,00 (fora as entradas).



A Quadra tem um serviço de Bar, uma lata de cerveja custa em média R\$ 3,00, refringente R\$ 2,50 e uma *long neck* de vodka aproximadamente R\$ 7,00. O bar também oferece a opção de salgados (pastel, coxinha entre outras) que custam de R\$ 2,00 a 5,00.

O estacionamento com *valet* custa R\$ 10,00 e existem estacionamentos no entorno que cobram de R\$ 5,00 a R\$ 10,00. A quadra é bem servida de linhas de ônibus, interligadas ao Metrô.



Fonte: dos autores – Quadra da Morada do Samba – Recepção pelas baianas

Uma das características da quadra é o bem receber. E a hospitalidade é definida como um ritual de comunicação, conforme expressão de Camargo:

A hospitalidade é um processo de comunicação interpessoal, carregado de conteúdos não-verbais ou de conteúdos verbais que constituem fórmulas rituais que variam de grupo social para grupo social, mas que no final são lidas apenas como desejo/recusa de vínculo humano. De que maneira entender as expressões olá, como vai?, Alô, tudo bem? ou o mais econômico e simples gesto de menear e abaixar a cabeça em reverência ao estranho. (CAMARGO, 2004. p.31)



Outro fator importante é a diversidade presente no público que frequenta a quadra. Receber bem os visitantes é uma questão fundamental no espaço. É uma das tradições da Morada do Samba.

Diversidade significa pensar a relação entre o eu e o outro, e ao considerar o outro o diferente, não se deixa de focar a atenção sobre o nosso grupo, história e povo. Ou seja, se fala o tempo inteiro em semelhanças e diferenças.

Para que haja uma comparação, deverá sempre existir pessoas ou coisas diferentes. Geralmente comparam-se pessoas com padrões e normas vigentes ao nosso grupo cultural, ou seja, próximo da visão mundial. Esta comparação pode ser de comportamento, inteligência, esperteza, beleza, cultura, linguagem, religião, política, classe social, raça, gênero, idade, entre outros.

A diversidade pode ser percebida tanto na prática como também ser construída ao longo do processo histórico, nas relações sociais e de poder, muitas vezes grupos humanos tornam o outro grupo diferente para fazê-lo inimigo, para dominá-lo. (Gomes, 1999)

A diversidade não pode ficar restrita a análise de um determinado comportamento ou de uma resposta individual. Ela precisa incluir e abranger uma discussão política, pois diz respeito às semelhanças estabelecidas entre os grupos humanos e por isso mesmo não estará fora das relações de poder. Diz respeito também aos padrões e aos valores que regulam essas relações.

É errado pensar que a luta pelo reconhecimento da diferença é algo próprio desse final de século. É fato que a globalização, as políticas neoliberais e o ressurgimento dos nacionalismos, recolocam a questão da diversidade. Também sempre estiveram próximas as diferentes respostas do poder em relação às demandas que muitas vezes, resultam em formas violentas e excludentes de se tratar o outro: colonização, inquisição, cruzadas, escravidão, nazismo, etc.

A diversidade cultural é um comportamento humano, ela é constituinte da nossa formação humana, pois somos sujeitos sociais, históricos, culturais e por isso mesmo, diferente. (Gomes, 1999).

O Carnaval é um fenômeno intrinsecamente relacionado com a diversidade cultura e com a identidade brasileira. O fenômeno já foi estudado por centenas de pesquisados relacionados com áreas de antropologia, sociologia, história. Neste artigo fazemos uma breve reflexão sobre o carnaval e o desfile das escolas de samba e



reiteremos a necessidade de estudos que possam relacionar o tema, com área de comunicação, hospitalidade e turismo.

Dez mil anos antes de Cristo, homens, mulheres e crianças se reuniam no verão com os rostos mascarados e os corpos pintados para espantar os demônios da má colheita. As origens do carnaval têm sido buscadas nas mais antigas celebrações da humanidade, tais como as Festas Egípcias que homenageavam a deusa Isis e ao Touro Apis. Os gregos festejavam com grandiosidade nas Festas Lupercais e Saturnais a celebração da volta da primavera, que simbolizava o Renascer da Natureza. Mas num ponto existe concordância, as grandes festas como o carnaval estão associadas a fenômenos astronômicos e a ciclos naturais. O carnaval se caracteriza por festas, divertimentos públicos, bailes de máscaras e manifestações folclóricas. Na Europa, os mais famosos carnavais foram ou são: os de Paris, Veneza, Munique e Roma, seguidos de Nápoles, Florença e Nice (Retirado de <<http://www.fundaj.gov.br>> acessado em 24/10/2006).

Os Desfiles das Escolas de Samba das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, no período de carnaval são uma das maiores manifestações da cultura popular do Brasil. E os cenários onde eles acontecem são espaços de lazer e celebração. O evento, conhecido como o maior espetáculo da Terra, atrai turistas, colabora para a ocupação dos meios de hospedagem, arrecada impostos para os destinos e contribui para a construção de imagens e imaginários sobre o brasileiro.

Também é um complexo fenômeno de comunicação, que abriga elementos relacionados com a comunicação oral, como a música, canto e ritmo, a comunicação não verbal, a dança, os gestos e principalmente com a comunicação visual (fantasias, adereços, alegorias e carros alegóricos). A transmissão do desfile pela televisão, para todo o país e mais de 40 emissoras de televisão de todo o mundo suscita estudos relacionados com a comunicação de massa. O evento possibilita também pesquisa sobre o mercado publicitário segmentando nos produtos de verão. A relação dos Desfiles das Escolas de Samba com o turismo e hotelaria passa necessariamente por uma visão da interferência do Estado nesse processo.

Hiram Araújo é historiador e suas pesquisas apontam o ano de 4.000 a.C. com a descoberta da agricultura pelos egípcios e do início das festas agrárias dos povos primitivos como uma origem histórica do Carnaval. Também é possível perceber, em várias culturas milenares, movimentos que são semelhantes a festa do Carnaval, como



conhecemos no mundo contemporâneo. Um bom exemplo disso são as Dionísias Gregas e as Saturnálias Romanas, nestas festas, segundo a mitologia greco-romana os Deuses Dionísio e Baco desciam a terra para promover orgias e celebrações, onde o culto ao sexo e ao vinho eram os pontos altos. O fenômeno foi censurado pelo cristianismo e posteriormente absolvido pela igreja católica, que relacionou a festa a seus rituais, introduzindo inclusive a questão da quaresma, precedida de grandes banquetes gastronômicos.

As origens do carnaval são obscuras e longínquas. Sua memória vem do inconsciente coletivo dos povos. Não temos como comprovar cientificamente o nascimento do Carnaval, entretanto, baseados em pesquisas da história da evolução do homem, deduzimos que os primeiros indícios, do que mais tarde se chamaria Carnaval, surgiram dos cultos agrários, ao tempo da descoberta da agricultura. (ARAÚJO, 2003, p. 3)

Outra vertente importante para a compressão das questões envolvendo o carnaval brasileiro é o samba. Os negros, trazidos como escravos, no Brasil Colônia trouxeram nos navios negreiros, uma dança conhecida na África, denominada Samba, que constituía de uma roda com instrumentos de percussão, onde homens e mulheres dançavam, com requebros e umbigadas. Estas manifestações culturais sobreviveram aos maus tratos das senzalas e aportou no Rio de Janeiro e depois em São Paulo.

De Origem africana, mais precisamente da região de Angola e do Congo, o lundu foi trazido para o Brasil pelos escravos bantos no fim do século XVIII. Caracteriza-se pelo canto e pela dança em que o alteamento dos braços, com o estalar dos dedos, e a umbigada – encontro de umbigos dos homens e das mulheres – são acompanhados por palmas. (DINIZ, 2006, p. 18)

Camargo, explica que, além das expressões a hospitalidade pede um cenário para ser exercido um ritual de hospitalidade.

Os rituais da hospitalidade ganham, assim, força explicativa, ancestral até mesmo em relação às sociedades humanas, a de minimizar ou, quem sabe até, de eliminar não a agressividade, mas a possibilidade de a agressividade dos indivíduos desandar em hostilidade. Este é o primeiro significado ético do ritual. (CAMARGO, 2004. p.33)



A comunicação, a hospitalidade e a diversidade têm semelhanças na sua natureza, objeto, meio e fim. Dumazedier, sociólogo francês que mais teve influência no Brasil nos estudos do lazer, define o termo como:

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

A quadra da Mocidade Alegre é um espaço de lazer, hospitalidade e convivência, em entrevista com Sidney França, carnavalesco da escola e Érica Ferreira, diretora de carnaval, foi possível perceber estes diferenciais que caracterizam o espaço da Morada do Samba.

Os autores puderam perceber que a interdisciplinaridade é uma das ferramentas para se estudar a complexidade dos fenômenos que envolvem uma escola de samba e estão desenvolvendo projetos de pesquisa e estudo em conjunto com as diversas áreas do conhecimento do Centro Universitário SENAC.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Hiram. **Carnaval: seis milênios de história**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.
- BACAL, Sarah. **Lazer: teoria e pesquisa**. São Paulo: Loyola, 1988.
- CAMARGO, L.O.L. **Hospitalidade**. São Paulo: Editora Aleph, 2004.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.
- FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- _____. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e Diversidade Cultural: Refletindo Sobre as Diferentes Presenças na Escola**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1999
- Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mocidade Alegre. Disponível em: <<http://www.mocidadealegre.com.br>>. Acesso em: 20 ago. 2008.
- GRINOVER, L. **Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado**. In: DIAS, C. M. de. (ORG). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- LASHLEY, C. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.
- LIMA, Cláudia M. de Assis Rocha. **História do carnaval**. Retirado do site <<http://www.fundaj.gov.br>> acessado em 24/10/2006.
- MAGALHÃES, Rosa. **Fazendo carnaval**. São Paulo: Lacerda, 1997.
- MORAES, Eneida de. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- VALENÇA, Rachel. **Carnaval: para tudo se acabar na quarta-feira**. Rio de Janeiro: Coleção Arenas do Rio. RioArte e Relume-Dumará Editores.